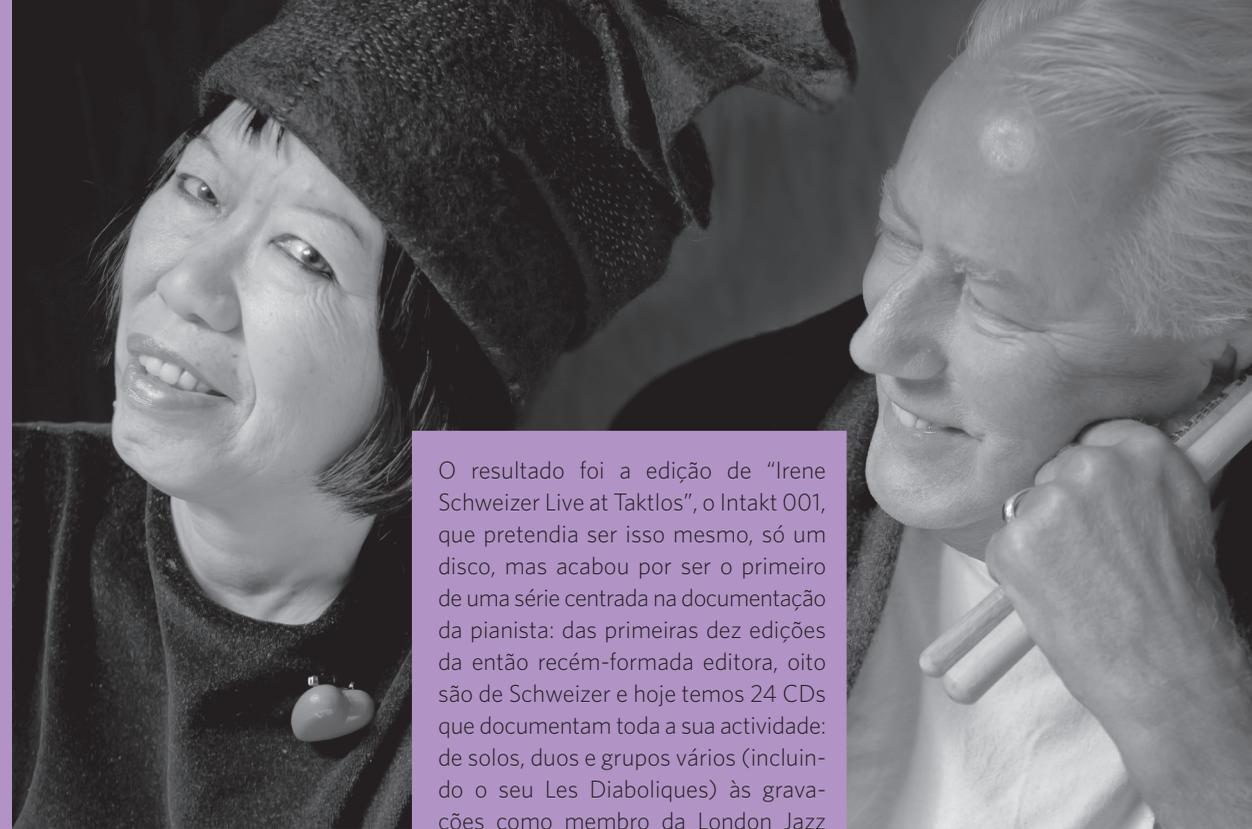


INTAKT

UM QUARTO DE SÉCULO

texto GONÇALO FALCÃO

Na altura em que a editora suíça comemora 25 anos de vida, ouvimos alguns dos seus últimos títulos. Ainda bem que Patrik Landolt quis lançar as gravações que fez da pianista Irène Schweizer...



REGRESSEMOS A 1986: o suíço Patrik Landolt trabalhava como jornalista no Wochen Zeitung, uma publicação semanal de esquerda que tinha ajudado a fundar (e que ainda existe). Tinha organizado o festival de jazz Taktlos e achou que era importante transportar as gravações que fizera da pianista Irène Schweizer para um formato partilhável. Landolt estava consciente da importância da música de Schweizer e da sua coragem como militante do lesbianismo.

O resultado foi a edição de “Irene Schweizer Live at Taktlos”, o Intakt 001, que pretendia ser isso mesmo, só um disco, mas acabou por ser o primeiro de uma série centrada na documentação da pianista: das primeiras dez edições da então recém-formada editora, oito são de Schweizer e hoje temos 24 CDs que documentam toda a sua actividade: de solos, duos e grupos vários (incluindo o seu Les Diaboliques) às gravações como membro da London Jazz Composers Orchestra.

Hoje, 200 discos depois, a Intakt de Zurique vê reconhecido o seu papel na divulgação do jazz (principalmente europeu), não só na Suíça (foi-lhe atribuído o apoio Pro Helvetia em 2012), como internacionalmente. Sem planear tal desfecho, a editora conquistou tranquilamente um papel fundamental na Europa e alguns dos mais importantes músicos do jazz actual – como Louis Sclavis, Cecil Taylor, Louis Moholo-Moholo, Günter Sommer, Barry Guy, Evan Parker, Sylvie Courvoisier, Fred Frith, Aki Takase, Anthony Braxton, Han Bennink, Peter Brötzmann, Christian Marclay – preferem-na a qualquer outra. Nos primeiros anos, todo o dinheiro que a etiqueta fazia era reinvestido. Landolt vivia do Wochenzeitung e a Intakt mantinha a sua linha editorial intacta. Hoje tem uma lista de 300 assinantes que confiam nas suas escolhas e que compram adiantadas as suas edições.

De 1 a 15 de Março deste ano, a Intakt vai instalar-se em Nova Iorque por duas semanas a convite de John Zorn. Landolt será o programador dos 22 concertos no The Stone que procurarão mostrar o trabalho destes 26 anos. Todos estes argumentos servem para afirmar o currículo da “label” suíça e serão suficientes para reconhecermos que a Intakt é uma das casas editoriais do novo jazz.

Vale a pena conhecê-la.

Desde o início que os discos oferecem mais do que música. Por um lado, são sempre acolitados por textos que ajudam a enquadrar a música, num trabalho didáctico em prol da improvisação. Por outro, a razoável qualidade plástica das capas faz com que valorizemos a embalagem: destaque para as colaborações de AR Penck, Max Bill, Niklaus Troxler e Strawalde. Quando se fala tanto na ideia tonta de «combater os “downloads” ilegais», a valorização do objecto, enriquecido com textos e visualmente interessante, é uma das melhores soluções. Feita a introdução da editora, passemos ao conduto...

AKI TAKASE / HAN BENNINK: “TWO FOR TWO

Aki Takase é uma pianista que não tem a projecção internacional que merece. Alegre, subtil, encaixa perfeitamente no humor do baterista holandês que a acompanha em “Two for Two”. “Play” é uma palavra inglesa que aqui assume totalmente o seu duplo significado de tocar um instrumento e jogar. Takase vem munida de temas seus (e de alguns emprestados, a Monk e a Dolphy). Bennink enfrenta-os sem saber como é que eles são, de peito aberto, ouvinte e compositor em simultâneo.

Piano e bateria evoluem extraordinariamente e por caminhos surpreendentes: do dandismo ao punk, atravessamos dezenas de formas de jogar uma música com a criatividade do momento. Sente-se o entusiasmo, a música é luminosa e disruptiva, sempre pronta a mudar de direcção num processo de permanente estímulo e permanente resposta. Um grande disco de 2011, em suma.

TRIO 3 + GERI ALLEN: “CELEBRATING MARY LOU WILLIAMS – LIVE AT THE BIRDLAND NEW YORK”

Uma proposta que pretende colocar o “mainstream” sob o fogo de improvisadores sem grandes espartilhos. O disco homenageia a pianista, compositora e arranjadora Mary Lou Williams. É a procura de novos caminhos para andar para trás. Williams esteve musicalmente activa desde o final dos anos 1920 até ao fim da década de 70. Escreveu mais de 300 temas, sete dos quais tratados neste álbum. É com enorme sabedoria e conhecimento musical que viajam entre o “mainstream” e a vanguarda, mantendo-se coerentes e nítidos. O estilo individual de cada músico permanece ao mesmo tempo que a fusão produz um resultado único e consistente. Mistura-se o boogie-woogie e o swing com o free e tudo sobrevive intacto ao embate. No entanto, tudo muda, tudo se move. Geri Allen desempenha um papel complicado no piano, maesticizando este processo migratório. Excelentes solos surgem pelo caminho. Oliver Lake constrói com o saxofone uma união densa com o piano. A secção rítmica, com Reggie Workman no contrabaixo e Andrew Cyrille na bateria, é como que um esqueleto que se desconjunta e mesmo assim mantém-se impassivelmente composto. Excelente forma, esta, de trazer para o presente — sem a violar — uma música estilisticamente antiga.

SYLVIE COURVOISIER – MARK FELDMAN QUARTET: “HÔTEL DU NORD”

O jazz foi muito importante para o violino, porque o ajudou a sujar-se, legalizando a desconstracção das czardas e do sentimentalismo romani. O violino saiu do armário, soltou-se, arranhou-se com o “swing”. Com Mark Feldman, regressa a um europeísmo correcto e formal. A música soa sofisticada, inteligente; quase como se Satie embarcasse num projecto jazzístico. É estática, mas move-se, com cuidado, entre a delicadeza do piano de Sylvie Couvoisier e o violino agudo de Feldman. Sente-se perfeitamente que Feldman encontrou em Sylvie – e vice-versa – uma enorme cumplicidade de ideias sobre a música. Quando é assim, conseguimos sentir essa harmonia, não melódica, mas de dois instrumentistas que desenvolvem a música como se fossem só um. Ouvindo retrospectivamente, a verdade é que Feldman sempre teve um som clássico, mesmo quando tocava com John Zorn e Dave Douglas. Uma leitura delicada e erudita, mesmo misturada com o “in-your-face” nova-iorquino. E é essa música que agora emerge e se torna nítida. Não chegando a entusiasmar-me – soa fria e demasiado polida –, reconheço nela uma enorme qualidade e o certo é que cria um ambiente único, muito próprio dos dois músicos. Sylvie alimenta esta paisagem alpina gelada com um pianar delicado, experimental, que vai e vem entre o rigor da pauta, os sons traficados no piano e as sequências harmónicas complexas. Thomas Morgan no contrabaixo e Gerry Hemingway na bateria em muito contribuem para esta música silenciosa, com a sua enorme experiência de improvisadores e a noção exacta de quando devem – e, principalmente, quando não devem – tocar.

JURG WICKIHALDER EUROPEAN QUARTET: “JUMP!”

Falta música a este disco. Conta com excelentes músicos, capazes de um desempenho técnico superior, há solos suficientes, mas falta musicalidade. Ouve-se com indiferença, apesar de, quando nele nos concentramos, conseguir alguns bons momentos musicais. Passado pouco tempo o CD remete-se novamente para o fundo, correcto, compostinho. Creio que grande parte do problema é a escrita de Wickihalder, cheia de vogais e consoantes que não fazem muito sentido e que se esforçam por se encaixarem num padrão contemporâneo e ao mesmo tempo clássico. E encaixam, de facto. Só que notamos que o fazem à força, sem qualquer “groove” mental ou musical.

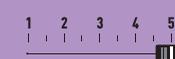
A estes suíços fazia-lhes bem passar uma temporada em Nápoles. A música é propositadamente moderna: composições assimétricas instalam improvisações abstractas e emotivas... mas com a comoção de um banqueiro perante um aforrista endividado. À instrumentação tradicional (correcta) de saxofone, contrabaixo e bateria junta-se o piano de Schweizer, que não acrescenta muito nem arranca momentos particularmente inspirados. Muita segurança, mas pouca rendibilidade — que é o que se espera de um banco helvético. Para a música é pouco.

DANIEL ERDMANN / SAMUEL ROHRER / FRANK MOBUS / VINCENT COURTOIS: “HOW TO CATCH A CLOUD”

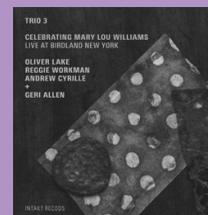
Tenho de começar por apresentar a minha declaração de rendimentos: sou membro da CLOUD APPRECIATION SOCIETY e, como tal, qualquer disco que aflore esta temática que me é tão querida entra aconchegado em flanelas no meu coração. Depois de bem ouvida, a música não me trai: não estamos na presença de uma Pileus ou de uma Kelvin-Helmholtz, mas é uma Cumulus bem bonita, num céu azul e com muita personalidade. A música procura constantemente uma forma, um caminho idiomático, mesmo quando não há um programa totalmente definido. Encontramos aqui quatro músicos que são especialistas em desportos diferentes, mas estão apostados em jogar juntos e em encontrar as regras do jogo à medida que o jogam. Há arranjos sofisticados em registos médios e uma procura de cor instrumental, mais do que de uma complementaridade de sons. O grupo com saxofone, guitarra, violoncelo e bateria mistura muitos elementos e procura manter um sentido de ordem e proporção alemães. No caso, a coisa resulta.

**AKI TAKASE / HAN BENNINK****TWO FOR TWO**

Intakt 2011



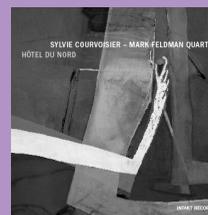
Aki Takase (piano); Han Bennink (bateria)

**TRIO 3 + GERI ALLEN****CELEBRATING MARY LOU WILLIAMS – LIVE AT THE BIRDLAND NEW YORK**

Intakt 2011



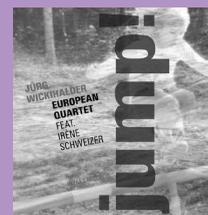
Oliver Lake (saxofone alto, flauta); Reggie Workman (contrabaixo); Andrew Cyrille (bateria) + Geri Allen (piano)

**SYLVIE COURVOISIER – MARK FELDMAN QUARTET****HÔTEL DU NORD**

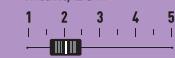
Intakt, 2011



Sylvie Courvoisier (piano); Mark Feldman (violin); Thomas Morgan (contrabaixo); Gerry Hemingway (bateria)

**JURG WICKIHALDER EUROPEAN QUARTET****JUMP!**

Intakt, 2011



Jürg Wickihalder (saxofone soprano); Irène Schweizer (piano); Fabian Gisler (contrabaixo); Michael Griener (bateria)

**DANIEL ERDMANN / SAMUEL ROHRER / FRANK MOBUS / VINCENT COURTOIS****HOW TO CATCH A CLOUD**

Intakt, 2011



Daniel Erdmann (saxofone tenor); Vincent Courtois (violoncelo); Frank Möbus (guitarra eléctrica); Samuel Rohrer (bateria)